
BIBLIOGRAFIA_

Friel, Brian (2000). *O fantástico Francis Harry, curandeiro; Traduções; Danças a um deus pagão; Molly Sweeney*. DRAMAT/ Cotovia.

Tchekov, Anton (1997). *Três irmãs*. Assírio & Alvim.

Consultar Documento em anexo

outras informações_

PROVA: Monólogo

Monólogo Feminino

MAGGIE – Quando eu tinha dezasseis anos, lembro-me de ter fugido uma noite de domingo – mais ou menos por esta altura do ano, no início de Agosto – eu e a Bernie encontrámo-nos no portão do asilo e fomos as duas a um baile em Ardstraw. Naquela altura andava atrás de mim um sujeito chamado Tim Carlin, mas de quem eu... de quem eu gostava mesmo era do Brian McGuinness. Lembram-se do Brian com aquelas mãos brancas e umas pestanas que nunca mais acabavam? Mas é claro que ele andava louco pela Bernie. Bem, mas o que interessa é que os dois rapazes levaram-nos nas bicicletas deles e lá fomos os quatro para Ardstraw, quinze milhas para lá e quinze milhas para cá. Se o pai tivesse sabido, Deus o tenha em descanso...

E no fim havia um concurso para o melhor par da noite. E já estávamos reduzidos a três pares: o par local de Ardstraw; eu e o Timmy, que não me largava; e a Bernie e o Brian... Faziam um par tão bonito, os dois, tão elegante; não se conseguia tirar os olhos deles. As pessoas paravam de dançar e ficavam a olhar...

E quando os juízes anunciaram os vencedores – o mais certo era já estarem bêbedos – claro que o par local ficou em primeiro lugar; eu e o Timmy ficámos em segundo; e a Bernie e o Brian em terceiro.

Haviam de ter visto como ficou a pobre Bernie. Nem queria acreditar. Nem falava. Não falou connosco o resto da noite toda. Nem sequer queria voltar connosco na bicicleta. E tinha razão: eles é que mereciam ter ganhado; ficavam tão bonitos os dois...

Foi a última vez que vi o Brian McGuinness – Lembram-se do Brian com...? E depois quando voltei a saber dele tinha partido para a Austrália...

A Bernie teve mais do que razão para ficar zangada. Eu sei que não foi justo – não foi nada justo. Deviam estar a cair de bêbedos, aqueles juízes, fossem lá eles quem fossem...

(Excerto de *Danças a um deus pagão* de Brian Friel)

Monólogo masculino

MICHAEL – Quando recordo aquele Verão de 1936, sou invadido por diferentes tipos de memórias. Foi nesse Verão que comprámos o nosso primeiro aparelho de telefonia sem fios – bem, uma espécie de aparelho, pelo qual estávamos obcecados. E como entrara em casa mesmo no início de Agosto, a minha tia Maggie – a brincalhona da família - sugeriu que o batizássemos. Ela queria chamar-lhe Lugh, o nome do antigo deus celta das colheitas. Porque antigamente o primeiro de Agosto chamava-se Lá Lughnasa, o dia das festas do deus pagão Lugh; e os dias e as semanas das colheitas que se lhe seguiam chamavam-se as Festas de Lughnasa. Mas a tia Kate – ela era professora e uma senhora muito respeitável – disse que já seria uma blasfémia batizar um objeto inanimado com o nome de uma pessoa, quanto mais com o nome de um deus pagão. Daí que acabámos por lhe chamar Marconi, porque esse era o nome gravado no próprio aparelho.

E cerca de três semanas antes de comprarmos o aparelho, o irmão da minha mãe, o meu tio Jack, veio pela primeira vez a casa desde que partira para África. Trabalhara durante vinte e cinco anos numa colónia de leprosos em Ryanga, uma aldeia remota no Uganda. Durante todo esse tempo, a única vez que deixara a aldeia fora por um período de seis meses, durante a Primeira Guerra Mundial, na qualidade de capelão do exército britânico então colocado na África Ocidental. Para depois voltar àquele sombrio hospital onde continuou a trabalhar ininterruptamente durante mais dezoito anos. E agora, com cinquenta e poucos anos, regressava à Irlanda, à sua casa em Ballybeg. Na verdade, regressava para morrer.

E quando recordo aquele Verão de 1936, estas duas memórias – a da nossa primeira telefonia e a do regresso do Padre Jack – surgem sempre ligadas.

(Excerto de *Danças a um deus pagão* de Brian Friel)

PROVA: Diálogo

GERRY – Como é que estás, Chrissie? É ótimo ver-te.

CHRIS – Olá, Gerry.

GERRY – E como é que tens passado estes últimos seis meses?

CHRIS – Treze meses.

GERRY – Treze? Não! Não pode ser!

CHRIS – Julho do ano passado; 7 de Julho.

GERRY – Uau-uau-uau-uau-uau. Como o tempo voa! Treze meses? Caramba! Umas dez vezes – preparei tudo para te vir visitar e depois aparecia sempre qualquer coisa e eu não podia ausentar-me.

CHRIS – O que importa é que agora estás aqui.

GERRY – Claro que estou. E foi uma sorte, sabes? A noite passada, num bar de Sligo, dei de caras com um sujeito que estava de carro, um Morris Cowley novinho em folha, e que me comentou que na manhã seguinte estava de partida para Ballybeg. Ballybeg? Este nome diz-me alguma coisa! E pronto. Aqui estou eu. Em carne e osso. Para que conste. Um golpe de sorte, não foi?

CHRIS – Foi.

GERRY – Ele disse aquilo por acaso. E aqui estou eu. Oh, uma sorte fantástica.

CHRIS – Fantástica.

Pausa.

GERRY – Estás com um aspeto ótimo, Chrissie. Mesmo ótimo. Fantástico.

CHRIS – O meu cabelo está péssimo.

GERRY – Eu acho que está ótimo.

CHRIS – A Maggie vai-mo lavar esta noite

GERRY – E a Maggie, como está?

CHRIS – Ótima.

GERRY – E a Rose e a Kate?

CHRIS – Ótimas.

GERRY - E a Agnes?

CHRIS – Está toda gente bem, obrigada.

GERRY – Diz-lhe que perguntei por ela, à Agnes.

CHRIS – Eu convidava-te a entrar, mas a casa está....

GERRY – Não, não, fica para outra ocasião; mas obrigada na mesma. A agenda hoje está um pouco apertada, sabes. E o sujeito que me deu boleia disse-me que o Padre Jack está de volta.

CHRIS – Chegou há umas semanas.

GERRY – Diretamente de África.

CHRIS – Sim.

GERRY – São e salvo.

CHRIS – Sim.

GERRY – Fantástico.

CHRIS – Sim.

GERRY – Um homem de sorte.

CHRIS – Sim.

(Gerry usa a bengala como um taco de golfe e executa o gesto de uma tacada.)

GERRY – Preciso de fazer mais exercícios. Estou a ficar muito gordo.

CHRIS – Na Páscoa passada apareceu um vendedor na escola de Kate. Disse que te tinha encontrado algures em Dublin e que tu estavas a dar aulas de dança lá.

GERRY – E tinha razão.

CHRIS – Não acredito, Gerry!

GERRY – Palavra de escuteiro.

CHRIS – Aulas a sério?

GERRY – O Inverno passado todo.

CHRIS – Que espécie de danças?

GERRY – Só danças de salão. Tu é que devias dar aulas de danças de salão – Tu sempre dançaste melhor do que eu. Lembras-te?

(Executa um passo rápido e uma pirueta.)

CHRIS – E as pessoas iam ter contigo para aprenderem?

GERRY – Tinha milhares de alunos – milhões!

CHRIS – Gerry –

GERRY – Cinquenta e três. Sou um mentiroso. Cinquenta e um. (...) Mas comecei agora uma nova carreira, fica a saber: vendedor de gramofones.

CHRIS – Parece coisa boa, Gerry.

GERRY – Fantástica.

CHRIS – E está tudo a correr bem?

GERRY – Inacreditável. (...) Quando apareceram os rádios, as pessoas pensavam que os gramofones eram uma coisa do passado. Mas estavam enganadas. É o que me tem dito a experiência. Não olhes, mas ele está a olhar para nós por detrás daquele arbusto.

CHRIS – O Michael?

GERRY – Faz de conta que não reparaste. Continua. Aquilo é tudo dele?

CHRIS – Está a fazer papagaios, imagina.

GERRY – Inacreditável. Ainda consegui vê-lo lá em baixo, ao entrar no caminho. Está enorme.

CHRIS – Já anda na escola, sabes?

(Excerto de Danças a um deus pagão de Brian Friel)